

CENTRO DE ESTUDOS ANGLICANOS – CEA

Todas as coisas necessárias para a salvação

Frederick Houk Borsch*
(Trad. Dom Sumio Takatsu)

O estado atual anglicano com referência ao lugar da Bíblia na Igreja desenvolveu-se dentro da história dos latitudinários - teólogos do século XVII, que apelavam à Escritura, Razão e Tradição. Temos reconhecido as razões políticas e históricas - que remontam, no mínimo ao século XVI - de certo grau de ambivalência e medidas de ampla tolerância na compreensão do caráter da autoridade e inspiração da Bíblia. Na medida em que os anglicanos podiam concordar que a Bíblia tinha um papel central e, de certo forma, crucial na fé e na prática (especialmente, na adoração), talvez isso fosse, mesmo, o que mais se poderia esperar. Charles Gore dizia que "ninguém tem o direito de impor nos seus seguidores qualquer crença particular sobre a inspiração, sua natureza e seus limites". A necessidade tornou-se, em certo sentido, uma virtude na medida em que a Bíblia veio a ser mais amplamente acessível em inglês e mais gente aprendia ler. A capacidade da maioria dos indivíduos para ouvir e ler a Bíblia e tomar decisões por si mesmos, com um mínimo de orientação da parte da liderança da Igreja foi considerada, em algumas partes da Comunhão Anglicana como sendo um sinal de fortalecimento e maturidade que ela esperava de seus membros. "A dispersão da autoridade no anglicanismo está enraizada na convicção de que os cristãos para os quais as Escrituras são lidas em sua própria linguagem (especialmente, no contexto da liturgia) são capazes de discernir os essenciais da fé" (S. Sykes).

Há, todavia, perigos óbvios envolvidos em tornar escritos selecionados tão centrais na vida da comunidade de crentes e deixar, ao mesmo tempo, sua interpretação tão aberta. A centralidade pode sugerir a muitos uma compreensão (que outros não estão desejosos de aceitar) de que a Bíblia pode e deve ser usada com autoridade legalista. Nesse caso, algumas partes da Bíblia são usadas dessa forma e outras partes sem muita reflexão prévia e aprofundada e isso pode resultar em confusão de argumentos e falta de integridade. As Escrituras podem tornar-se uma causa de divisão, ao invés de fonte de unidade da comunidade e de comunidades da Igreja.

Um perigo oposto está em que a Bíblia poderá ser altamente honrada, mas não levada a sério, profusamente mencionada, mas não aplicada para a fé e prática com rigor e consistência. Na medida em que as marés do relativismo, o método científico e a crítica histórica tornam mais problemáticas as formas

* Frederick H. Borsch foi Reitor e professor do Novo Testamento no Seminário na Faculdade de Teologia do Pacífico (Episcopal) e Deão da Capela e professor de Religião na Universidade Princeton. Também, foi membro do Conselho Consultivo Anglicano, da Comissão Inter-anglicana de Doutrina e Teologia. Hoje ele é Bispo da Diocese de Califórnia, com sede em Los Angeles.

pelas quais a Bíblia é ouvida, então a Bíblia vem a ser mais reverenciada do que lida. As mais variadas traduções aparecem e as encadernações ficam mais belas a cada dia, mas a Bíblia permanece nas estantes. As passagens das Escrituras são mais veneradas nos ofícios litúrgicos da Igreja do que ouvidas e expostas. Como, então, a Bíblia pode ter lugar de autoridade (e não de bajulação) na vida da Igreja e de seus membros?

Não há dúvida que as Igrejas da Comunhão Anglicana vivem hoje com a maioria desses perigos. Há horas em que tais perigos se juntam e as pessoas sentem-se dogmaticamente violentadas, sobretudo porque a Escritura pode ser usada para atacar ou apoiar qualquer idéia por aqueles que conhecem os versículos bíblicos sem dar atenção a qualquer princípio de interpretação.

Não obstante, é o argumento deste capítulo que há muito na abordagem anglicana contemporânea da Bíblia que pode ser reconhecido afirmativamente como sendo corretamente orientado pela própria Escritura, pela experiência de seu uso e pela reflexão com sabedoria e oração sobre a função da Bíblia na fé e vida cristãs. Os perigos que estão envolvidos em aceitar sua função central e única na doutrina cristã, embora ainda se faça sua autoridade relativa a outros aspectos da experiência cristã, são riscos que devem ser assumidos. Se, todavia, a Bíblia deve ter o seu papel próprio, medidas devem ser procuradas para contrabalançar, ou, pelo menos, minimizar os riscos.

Procedamos lembrando-nos de certos aspectos históricos e característicos da Bíblia. Então, consideremos como a Escritura pode melhor ser considerada como uma fonte inspirada de revelação para a Igreja e como pode ser vista sua autoridade. Reflitamos, finalmente, sobre a compreensão e medidas que a Igreja de hoje poderia usar para assegurar a função própria da Bíblia.

Nas comunidades de fé

A Bíblia surgiu da experiência das comunidades que acreditaram que Deus estava misteriosa e decisivamente presente e ativo entre elas. É de importância crítica lembrar que as comunidades da fé precederam à composição da Bíblia e eram contextos de seu desenvolvimento e redação. Durante os estágios em que foi composta a Bíblia (no período de mil anos) as comunidades interagiam com as partes da Bíblia que já haviam sido escritos e faziam comentários desses textos e aditamentos.

Como a Igreja surgiu após a vida, morte e ressurreição de Jesus, a única Escritura que ela conhecia era a Escritura do judaísmo. Os escritos do Novo Testamento eram, de certa forma, comentários das Escrituras mais antigas à luz do evento de Cristo, mas também trouxeram mudanças na interpretação da história de Israel para os cristãos. Houve, naturalmente, ainda um período de vários séculos antes de a Igreja chegar a uma concordância aproximada sobre quais livros deveriam ser considerados como tendo autoridade para a fé cristã. Através desse período, mais especialmente em seus estágios iniciais, permaneceu um senso vigoroso de que o que tornava uma pessoa cristã foi o contato pessoal com o Cristo Ressurreto, por meio da comunidade contínua

dos discípulos e o conhecimento das histórias básicas e o ensino da fé por meio dessa comunidade. Entre as primeiras gerações dos cristãos foi nas palavras ditas e não nas escritas que o Cristo vivo foi melhor encontrado e se adquiria o senso da presença de Deus no mundo. O Deus que não poderia ser visto nem capturado nas formas fixas de declarações escritas poderia ser ainda ouvido na dinâmica das comunidades em contínua pregação e "re-narração" de suas histórias. Só gradualmente as Escrituras vieram ocupar o seu lugar como fonte de inspiração e testemunho da fé que poderia estar em mesmo nível do contínuo ensino oral da comunidade, podendo ser usadas não só como guia, mas também corretivo desse ensino oral. Desde esse tempo, no interior da maioria das tradições cristãs, houve, no mínimo, certa consciência de que a Bíblia é o livro da comunidade e deve estar, de alguma forma, em dialética com a contínua comunidade de fé para sua própria compreensão e interpretação. Talvez, deve ser lembrado acima de tudo que o melhor meio da continuidade do cristianismo e sua propagação (pelas razões teológicas e práticas) é o de pessoas para pessoas. Nesse contexto, a Bíblia encontra seu papel mais tradicional.

Diversidade na Bíblia

Observamos que a Bíblia foi composta no decorrer de um período de dezenas de séculos. Ela tem sua procedência nas diversas culturas e várias línguas. Mesmo no caso do Novo Testamento, num período relativamente breve, reconhecemos que diversas comunidades e perspectivas influíram fortemente no que foi escrito e na maneira de sua apresentação. Certamente, o grupo que recebeu a Carta aos Hebreus parece muito distinto daquela que recebeu a Carta de Tiago. A comunidade cristã em Corinto se diferenciava amplamente daquela que, primeiro, ouviu o Evangelho de Mateus. Os quatro Evangelhos são transformação em textos escritos de uma história de várias décadas de ensino, controvérsia, perseguição, do recontar, que resultaram em ênfase muito particulares. Também os diferentes autores do Novo Testamento tiveram sua atitude distinta para com as Escrituras judaicas e aplicaram-lhes métodos diferentes de interpretação.

A consciência dessa diversidade tem causado, às vezes, angústia aos crentes que esperam encontrar na Bíblia um testemunho mais unívoco da forma e caráter da fé. Todavia, essa mesma consciência tem sido iluminação e auxílio para outros que tentam entender construtivamente a diversidade de ênfases existentes no cristianismo, e, em particular, na Comunhão Anglicana. Se o cristianismo tinha, desde o início, alguma coisa dessa natureza, tal pluralismo pode ser observado como teologicamente e historicamente benéfico - um dado que não é um desenvolvimento posterior, mas que é essência da experiência cristã. Independentemente de nossa reação para com a diversidade e pluralismo na Bíblia, devem eles ser tratados, todavia, como uma das realidades históricas para a interpretação bíblica.

Por vezes, essa diversidade pode ser acolhida com facilidade: diferentes perspectivas sobre Jesus aprofundam a compreensão de alguém a respeito de tudo que Jesus pode significar para a humanidade. No entanto, noutras vezes, a Escritura parece falar com vozes tão diferente a ponto de ser ambígua, pelo

menos, se não paradoxal ou até contraditória. Deus e suas criaturas humanas têm alguma forma de semelhança e relação. Por exemplo, pode-se falar de antropomorficamente, todavia, seus caminhos são completamente diferentes dos caminhos humanos e virtualmente incognoscíveis à parte da revelação. Deus é, tanto um Juiz severo e implacável, mas sua misericórdia é generosa e acima da medida humana. Os seres humanos, com suas ações e escolhas estão quase inteiramente sob controle divino, não obstante, são também responsáveis pelo que fazem. O Reinado de Deus já começou, porém também o esperamos para o futuro. Pode-se falar do Reino como um lugar e também como experiência interior. Jesus é plenamente humano e, também é plenamente de Deus.

Pode-se fazer das aparentes contradições paradoxos e tentar resolvê-las. Porém, pode-se começar reconhecendo que o próprio caráter dialético de tão grande parte da Bíblia tem justamente esse propósito. Parece afastar a quem deseja ter respostas fáceis e estabelecer soluções para as questões e preocupações religiosas. Talvez, especialmente, no ensino de Jesus apareçam, às vezes, respostas ambíguas, parábolas e enigmas, que inicialmente interrompem aqueles que buscam respostas diretas às suas perguntas: Como é o reinado de Deus? Que devo fazer para herdar o Reino de Deus? Quantas vezes o meu irmão me ofende e devo perdoar? Por que comes com os pecadores e publicanos?

A resposta de Jesus são palavras e ações que apontam para os cegos que vêem, e os surdos que ouvem, enquanto os que, aparentemente têm boa visão e audição não enxergam Jesus e nem o ouvem. Os que anteriormente eram considerados inaceitáveis sentam-se agora à Mesa. A calamidade deve ser vista como uma nova oportunidade. Há repentina e misteriosa abundância e maravilhosa graça. Suas parábolas começam freqüentemente em meio às circunstâncias do cotidiano: nas fazendas, nos campos, com dois irmãos, em meio a refeições, sementeiras e colheitas. Mas, na medida em que as histórias progredem elas sofrem voltas e reviravoltas. Na medida em que a história parece menos plausível na sua superfície, aparecem estalos no que antes se pensava ser uma realidade aparente e o ouvinte é indagado a procurar uma verdade mais profunda. É convidado a ter parte em várias figuras na história e compartilhar sua experiência. O movimento metafórico no coração da parábola atrai o ouvinte para ver se ele pode perceber novas possibilidades com respeito à presença e atividade misteriosas de Deus no mundo - o que Jesus falou como sendo o reinado de Deus. É como se dissesse que se alguém olhasse só a superfície das coisas não teria olhos para ver nem ouvidos para ouvir como Deus está presente em sua criação. Esse processo tem sido descrito como o de "reorientação por meio de desorientação" Para alguém se tornar consciente do reinado de Deus é preciso um novo ouvir, uma nova visão e uma nova esperança (o que os Evangelhos denominam de metanóia, arrependimento - mudança de coração e mente).

Mui freqüentemente as parábolas trabalham com a inversão, apontando para a consciência de que a atividade do reinado de Deus é surpreendente e inesperada. O inesperado exige, também, resposta. Novas formas de relacionamento entre senhores e escravos, irmãos, pais e filhos referem-se a

uma nova ordem do reinado. O tema repetido das parábolas envolve “ter, perder, e achar”, ou “esconder e descobrir”. Deve-se procurar, embora a descoberta possa vir como dom. Este processo não é apenas um tema, mas também a estrutura de muitas dessas histórias: o ouvinte deve procurar o sentido. As histórias sugerem mais do que isto: as verdades mais essenciais e fundamentais da vida não podem ser facilmente expressas ou prontamente apreendidas. Deve-se fazer a busca.

Participação por meio da narrativa

É preciso comprometer-se - participar para entender. O genuíno conhecimento e entendimento vêm só por meio da participação. A narrativa e o uso aliado de símbolos e metáforas convidam continuamente a essa participação. É bem possível acreditar que essa é uma entre muitas razões porque muito da Bíblia está na forma de história e que todas elas estão colocadas na moldura do drama bíblico de um perdido e encontrado, da vida perdida e reerguida. Naturalmente, isso é verdade também com o Antigo Testamento e vários comentaristas recentes têm ajudado os leitores a perceber como pequenas fendas nas histórias, ambigüidades envolvidas nos diálogos e na apresentação das personagens, mudança de perspectivas e outros aspectos do contar a história atraem as pessoas à narrativa e insinuam as verdades e mistérios a respeito da vida que não podem ser expressos em nenhuma outra forma.

Os intérpretes estão ajudando os leitores a ouvir modulações da Bíblia que eram mais acessíveis às primeiras gerações. Durante os últimos dois séculos vários movimentos culturais e intelectuais levaram os cristãos a crer que havia apenas duas perguntas importantes. Deve-se perguntar diante das passagens bíblicas: isto aconteceu? (ou como aconteceu?) e o que significa? Considerando os benefícios potenciais e os desafios dos novos métodos históricos, a primeira pergunta tornou-se o foco predominante dos críticos liberais e conservadores. Então, como outras disciplinas e áreas da pesquisa humana, essa tornou-se mais orientada para produzir respostas às perguntas e apresentar as afirmações em linguagem proposicional. Também pareceu importante ser capaz de expor as verdades bíblicas nas formas semelhantes. A narrativa veio a ser considerada secundária. A tarefa do expositor consistia em extrair o sentido da narrativa e depois a história poderia ser descartada ou usada para fins de ilustração. É como se alguém que pudesse exaurir o valor de *Rei Lear* investigando suas raízes nos antecedentes históricos, e, a partir daí, extrair a mensagem de que o verdadeiro amor não fará sua propaganda em seu benefício e pode descobrir isso tarde demais. A história será preservada só para ilustrar esses pontos principais.

Felizmente, houve sempre os movimentos em ação que ajudaram os anglicanos a preservar a consciência da primazia da narrativa na teologia bíblicamente fundamentada, reconhecendo que as histórias da Bíblia não são ilustrações da Palavra de Deus. Elas são a Palavra. Aqui o conservadorismo geral de muitos estudiosos e eclesianos ingleses se mostraram benéficos. Eles foram mais cautelosos para crer que as novas abordagens dos estudos bíblicos

fossem totalmente suficientes e que não havia outras formas de conhecimento. Aqui, também, os dons competentes de narrativa e poesia ajudaram na consciência de que a estória e a metáfora proporcionam meios de compreensão que não podem ser plenamente compreendidos pelas linguagens da lógica, da ciência ou do empenho com a exatidão histórica. A descrição apocalíptica e as estórias da criação, por exemplo, soaram cordas mais ricas de significado. O povo havia ouvido suas personagens poéticas e simbólicas de forma mais profunda. A apreciação da capacidade da metáfora em dizer o que de outra maneira não poderia ser dito ou mesmo pensado ajudaram a preservar a linguagem religiosa de se tornar ou idolátrica ou irrelevante. Deus é pai, mas não deve ser Deus identificado literalmente com idéias humanas de um pai. A atividade e presença de Deus são reinado e banquete, mas de maneira que, ao mesmo tempo, são semelhantes e diferentes do que as metáforas conotam. As metáforas só vivem quando há participação em sua criatividade criadora de tensão. A herança ou presença entre os anglicanos de Shakespeare, Donne, Herbert, Milton, Carew, Blake, Keble, Trollope, Austen, Elliot, Auden, Lewis e Paton preservam essa consciência aguda.

A principal contribuição veio, provavelmente, do papel central da bíblia na liturgia. A leitura regular da Escritura no contexto dramático da adoração comunitária junto com os temas e figuras bíblicos nas palavras da liturgia através do ciclo do ano cristão produz uma nova capacidade de ouvir o poder narrativo da Bíblia. Este ato de conhecer pelos participantes da adoração e pela congregação os ajuda a interpretar as oportunidades contemporâneas do serviço, dos sofrimentos e ausência e proximidade de Deus, à luz do drama bíblico. Os temas, metáforas e tramas das estórias da Escritura (não apenas o seu significado superficial, mas no nível mais profundo de sua leitura e audição) são catalisadores para contar novas estórias de fé e graça nas suas vidas. Assim, a Escritura forma o caráter da comunidade e dos indivíduos nela, moldando sua compreensão do bem e do mal e informando o caminho que eles vivem e as escolhas que eles fazem.

História e Estória

Esta abordagem da Escritura como narrativa e como formas de parábola e poesia no contexto narrativo não responde a todas as nossas indagações. A maioria das pessoas do século XX tem preocupações a respeito da relação da Bíblia com a história e sua autoridade sobre suas vidas que exige estudo histórico, formas de exegese e análise à luz da experiência e da razão. Em alguns casos, tal como a estória de Jó ou a parábola do filho pródigo, qualquer relação da estória com o evento histórico pode não ter importância. Em outros casos, tais como a estória do nascimento virginal de Jesus é possível que os leitores reconheçam junto com William Temple, que as questões históricas, embora não sejam irrelevantes, poderiam nos levar a não alcançar o propósito teológico central das narrativas. No entanto, quando se aborda a maneira como Jesus enfrentou a morte e a ressurreição a maioria das pessoas sente o aperto das preocupações históricas de modo mais agudo.

Em todas essas instâncias, os discípulos de hoje podem encontrar grande valor nas informações reunidas por arqueólogos, sociólogos, historiadores da

literatura e outros estudantes da Bíblia. As informações podem, acima de tudo, ajudar-nos a reconhecer quão grande é a distância entre as formas contemporâneas de ver o mundo e as do passado. Então, o leitor informado da Bíblia reconhece quão facilmente algumas das preocupações e atitudes originais dos escritores bíblicos podem ser mal interpretadas. De muitas maneiras, viviam num mundo, ao passo que os discípulos de hoje vivem num mundo muito diferente. A visão de ambos é limitada por seus horizontes particulares.

Essa consciência pode ajudar-nos a alcançar uma melhor perspectiva sobre nossas maneiras de ver o mundo - lembrando-nos de que propriamente o nosso ponto de vista é relativo e altamente condicionado por muitos costumes contemporâneos e convenções de educação e cultura. A Bíblia tem a vantagem de não pertencer a nenhuma cultura contemporânea e assim desafia todos os povos a não serem prisioneiros da visão da vida que se tem hoje. Esse desafio pode levar aos esforços construtivos de ver como os horizontes do presente e do passado possam se tocar. E a vida dos leitores pode adquirir maior profundidade e tonalidade de cores, por meio de uma melhor compreensão do mundo dos primeiros discípulos - suas circunstâncias e formas de ver e interpretar as coisas. Considerando a crença de que existem alguns aspectos da natureza humana mais duradouros que são compartilhados por muitas gerações e eras, pode-se chegar a ver, ouvir e sentir alguma coisa do mundo deles.

No entanto, lembramos que os dados e análises históricas não podem por si mesmos criar essa visão. É também preciso ter o esforço imaginativo e o veículo da imaginação - a "máquina do tempo" - que é a participação na narrativa. Tanto a compreensão histórica quanto o engajamento direto com o texto são necessários para a leitura plena e equilibrada da Bíblia.

Entretanto, mesmo esta abordagem equilibrada não será uma resposta definitiva a todas as questões difíceis que a mente inquiridora traz à Bíblia a respeito da relação das histórias bíblicas com os eventos históricos. Além dos abismos profundos na compreensão criada pela distância dos séculos, pode-se reconhecer que os escritores bíblicos não estavam pensando em termos das questões indagadas pela mentalidade historicamente treinada de nossos dias. Muitas narrativas poderiam ser melhor denominadas de "similares a história" do que propriamente em termos de "história" tal como se compreende nos termos atuais. A maioria das narrativas bíblicas poderia ser melhor descrita como histórias que utilizam os elementos históricos, ao invés de história na forma de história. Os eventos que aconteceram na história serviram como catalisadores das histórias que foram transmitidas e, mais tarde, tomaram a sua forma por meio da experiência da fé que a comunidade teve. Qualquer esforço humano de relatar e entender, envolve naturalmente, tal processo de interpretação em maior ou menor grau. Mesmo o que se está vendo e ouvido no presente momento é determinado, em grande parte, pelo que se procura e pela forma com que fomos treinados para perceber por meio da memória e do intelecto. Neste sentido, compreendemos que todo o conhecimento é resultado de interpretação. Esse esforço interpretativo parece ter sido importante na formação das intuições e histórias bíblicas. Quando se indaga como a Bíblia

pode ser pensada como uma obra inspirada, é mais útil focalizar o processo interpretativo.

Inspiração

Tem-se formulado uma variedade de considerações sobre compreensão da inspiração da bíblia. Às vezes, a ênfase recai nas próprias palavras como sendo inspiradas e portadoras em si mesma da revelação. Talvez, noutra extremo do espectro o destaque esteja na presença de Deus nos eventos específicos que o povo de Deus relatava, então, da melhor forma que pudesse. O ponto de vista anglicano mais comum é uma ênfase intermediária na Escritura como sendo a Palavra de Deus porque "Deus inspirou os autores humanos". Isto deixa mais abertos os problemas tais como - de que modo se pode conhecer que Deus agiu numa circunstância particular e se esse evento deve ser relatado com exatidão para ser fonte de inspiração futura. Também, não se exige uma crença na inerrância verbal da Escritura.

Examinando mais estreitamente, pode-se sugerir que o próprio processo interpretativo é a inspiração - essa capacidade distintamente humana para contar a estória acerca do que aconteceu - que é mais particularmente o domínio da atividade reveladora de Deus. Com efeito, da perspectiva humana, há muitas vias em que a interpretação é o que acontece quando a mente procura propiciar a conectividade e significação à experiência presente, alinhando-a o passado por meio da memória, com o futuro pela imaginação. Talvez devamos reconhecer que a inspiração do Espírito de Deus (em cuja imagem somos criados) esteja na capacidade humana de dar forma de estória aos acontecimentos e dos meios afins de interpretação. Talvez mais particularmente, deve-se conceber o Espírito Santo como aquela atividade "mediadora" de Deus, que possibilita a interação humana com os eventos do mundo material e que cria oportunidades de propiciar a esse mundo o seu sentido.

A ênfase aqui recai, claramente, numa visão mais subjetiva do que objetiva de inspiração. Essa tentativa de localizar a atividade de Deus entre o que acontece no mundo material e o mundo humano da interpretação, está relacionada com a objetividade e subjetividade. É possível que a vantagem dessa posição esteja nas pistas que ela pode proporcionar aos discípulos de hoje, sugerindo-lhes como eles podem alinhar suas expectativas da inspiração que vêm da Bíblia com a atividade de Deus entre aqueles que compuseram a Bíblia. É por meio do processo interpretativo que se realiza a inspiração. Existe interação entre a estória e os eventos que os discípulos procuram, consideração entre a narrativa (e outras formas de interpretação) e o que acontece hoje, sobre o tema, propósito e significado nesta batalha para usar palavras e histórias para entender que o cristão crêem que ouviram Deus.

Vista desta forma, não só a obra de interpretação é considerada inevitável, mas também é avaliada como a arena principal da ação do Espírito Santo. Aqueles que hoje considerariam a Bíblia como inspirada podem confirmar esse senso de inspiração em sua própria experiência. Com efeito, a

única forma de legitimar a inspiração da Bíblia é por meio de tal correspondência na experiência atual da interpretação da Bíblia e da vida.

Mais uma vez, faz-se idéia de como e por que a participação é exigida e a estrutura narrativa é tão importante. Na medida em que se torna parte do processo interpretativo, o que foi mais uma observação pode ser aprofundado a ponto de se adquirir percepção para a própria vida. Se essa percepção parece ser um dom e ter parte na verdade que é essencial a toda a vida, será denominada de revelação. Porém não há tal revelação só por uma mera leitura e audição. A revelação não se assenta em cima de uma página impressa. Deve-se entrar e mergulhar. É essa experiência que mais exatamente pode ser chamada audição *fundamental* da Bíblia. É isso que se espera que a Bíblia faça para os cristãos - ajuda-los a descobrir, ver, ouvir e encontrar perspectivas sobre questões de importância fundamental para a vida.

Nem todas as questões a respeito do relacionamento com o evento histórico, a interpretação e a inspiração são assim respondidas. Ainda podemos desejar uma correlação mais estreita entre a estória bíblica e o que podemos considerar como história real. Todavia, devemos nos lembrar de que o que os autores bíblicos procuraram relatar é o que pode ser designado de "história efetiva" - isto é, o que eles consideram como o pleno significado dos eventos na inter-relação com o modo como eles creram ser guiados por Deus para interpretá-los e com a forma como seu entendimento dos propósitos divinos os levou a perceber o mundo em torno deles. Qualquer outra forma de narração seria senão deslizamento sobre a superfície dos eventos e passar por cima do seu potencial para se tornar parte do processo de revelação.

Somos lembrados pelas palavras do Bispo Gore, que nenhuma doutrina ou teoria de inspiração se exige dos anglicanos. Provavelmente, nenhum ponto de vista possa ser adequado a tópico tão amplo como esse, que trata de como os seres humanos chegam a conhecer (e pensar sobre o conhecimento) e sobre a possibilidade da presença de Deus no mundo e de sua interação com a experiência humana. Também é verdade, provavelmente, que a nossa abordagem do problema da inspiração deve mudar, na medida em que a nossa visão mundo também se altera - na medida em que, neste caso, vivemos em diferentes mundos. Entretanto, nosso debate sobre este ponto só nos permite uma atitude ampla para com a inspiração que se focalize sobre a relação entre o processo interpretativo, a experiência e o Deus que age nesse encontro vivo. Permite, assim, o escopo de um senso da presença divina em relação com os eventos e entre os que compuseram a Bíblia por meio de suas palavras registrada. O debate, também, tem ressaltado corretamente o modo com que a participação no processo interpretativo se faz necessária para que a revelação aconteça. Por outro lado, a Escritura convida a essa participação e pode atrair seus ouvintes por meio das narrativas. Porém, é também essencial que os ouvintes se dediquem, pelo menos, à expectativa de que a revelação pode, então, acontecer. A disposição e o desejo de ouvir Deus são requisitos. Nestes termos, a Bíblia fala de fé para fé.

Ouvindo na comunidade de hoje

Como parte de sua dedicação a pessoa participará na comunidade da fé. Foi na comunidade primeiro se formaram as tradições. Desde o começo, a compreensão e interpretação dependeram, em grande medida, do fato de que as tradições foram ouvidas e refletidas em comunidade. Foi, especialmente, aí que as narrativas foram conhecidas como modelo ou estórias mestras da fé, pelas quais se esperava que a revelação ocorresse quando contadas e ouvidas de novo.

O exemplo principal dessas estórias mestras para a adoração da comunidade é a Ceia do Senhor. Pela sua celebração litúrgica, os cristãos experimentam, novamente, a presença do seu Senhor, recordam sua Paixão, morte e ressurreição e antecipam a comunhão do novo tempo. De diferentes maneiras, também outras estórias (ensinos, oráculos, hinos, e leis que vem com elas) são re-experimentadas como eventos de palavra ou discurso em comunidade e essa comunidade lhes dá o contexto vivencial e o significado. É pela fala e a relação humanas que a Palavra de Deus é melhor ouvida.

Essas estórias, profecias, dizeres e canções criam e moldam reciprocamente a comunidade e ajudam a dar-lhe seu caráter e sua identidade continuadora. Sem o conhecimento e a partilha comunitárias da memória do êxodo, exílio, Moisés, Davi, Jeremias e Jonas, a narrativa de nascimento humilde de uma criança, das refeições compartilhadas, o pão e o vinho, a Cruz, e a nova esperança vibrante que se seguiu no caminho a Emaús e Damasco não haveria comunidade. Mesmo quando os indivíduos lêem a Bíblia privativamente, eles a lêem como participantes das estórias da comunidade. Suas leituras são informadas pela experiência de suas comunidades e a influência de sua leitura nos contextos de suas vidas particulares é levada de volta para sua vida em comum com outros cristãos.

Novamente deve-se enfatizar que essas estórias se tornam mais vivas não quando são observadas apenas nas páginas, mas quando a voz viva dá-lhes uma nova vida. As palavras e partituras de uma canção só podem ser apreciadas limitadamente por meio da leitura com os olhos, mas devem ser ouvidas se desejarmos *conhecer* a canção. Assim também as narrativas, canções e poemas bíblicos devem ser *executados*, se as pessoas devem participar neles. Pela experiência do contar e ouvir as estórias, elas se tornam os sacramentos da voz do Espírito de Jesus e são levadas para a comunidade. É pela comunidade ajudada pela bíblia que o Jesus vivo é ouvido - e não de outra forma. Pelo encontro humano e pela partilha das estórias da fé bíblica podem-se acender novas parábolas da fé e esperança.

Escritura, Razão e Tradição

Obviamente, permanecem as tensões na interpretação da Bíblia. Haverá diferenças entre pessoas, entre as comunidades, entre a compreensão tradicional e a de hoje. Essas coisas não são novidade. Observamos que essas tensões já existiam na Bíblia. Elas são criativas, tornando pessoas e comunidades insatisfeitas com interpretações demasiadamente cômodas e

levando-as à ponderação mais profunda. O que é vital é o diálogo - a disposição de ouvir e esperar ouvir de novo.

As razões humanas serão parte do diálogo interpretativo - tanto quanto foram importantes na formação da Bíblia. A experiência cristã contemporânea - os desafios e oportunidades da contínua comunidade cristã - influirão na interpretação, como também os primeiros cristãos deixaram as suas marcas sobre a composição dos materiais bíblicos. A experiência do passado da Igreja no seu uso da bíblia e na formação das liturgias, dos credos, das posições doutrinárias influirão no curso da compreensão contemporânea da Bíblia. É isto que se tem denominado de "consenso dos fiéis", e é obra de todo o povo de Deus guiado pelo Espírito Santo, homens e mulheres de oração, estudiosos, pregadores, santos, os dedicados às obras de caridade e cuidado pastoral, e qualquer fiel envolvido no mundo do trabalho, estudo, e do viver e do amar diários. Em nossa geração, estamos aprendendo novamente que os pobres entre nós e os que experimentam a opressão são importantes no trabalho de ouvir e interpretar a Bíblia. Os bispos (com seus auxiliares) são a continuidade visível desse ofício de ensino e interpretação. Também, a bíblia está em diálogo com eles - provocando e exortando, agindo como crítica da Igreja contemporânea. Nesse processo a Igreja está envolvida não meramente na recitação das verdades, mas numa viagem de descoberta. É assim que Leonard Hodgson descreveu a aventura da fé bíblica:

O Novo Testamento mostra a tentativa de fazer cara ou coroa do que aconteceu sob a base de sua compreensão judaica de Deus e do universo. Assim, longe de nos ter dado uma explanação plena e final do significado de nossa fé, eles estavam tomando os primeiros passos para suas descobertas, iniciando um processo que, sob a orientação do Espírito Santo, continuou desde então e ainda está em andamento... temos de levar em consideração como a compressão disso pelos cristãos neo-testamentários foi aprofundada e enriquecida na experiência de seus sucessores e ainda está sendo aprofundada pela nossa experiência da vida no mundo de hoje.

A nossa sede por alguma forma mais certa de autoridade não é provavelmente respondida neste diálogo. O que acontece quando nos encontramos em controvérsia a respeito de um artigo de fé, a prática da Igreja ou questões éticas? O que é principal e o que deve ter precedência na decisão: a Bíblia, a Tradição ou a Razão junto com experiência? Quem decide?

Na avaliação contemporânea da herança anglicana e das Igrejas Episcopais, um dos meus colegas nesta série de ensaios expõe essas prioridades:

Escritura e Tradição têm prioridade sobre a razão e a experiência... No entanto, devemos reconhecer uma outra prioridade, a prioridade da percepção. Somos, acima de tudo, gente que raciocina, e experimenta... Também, o desenvolvimento humano tem seu lugar de prioridade... A tradição entendida em termos de autoridade da Igreja, vem primeiro transmitindo a Escritura para nós, convencendo-nos

de sua natureza até que afirmemos suas verdades pela experiência...

O autor estava muito consciente do que estava dizendo. No diálogo de nossa experiência e razão com a tradição e a Escritura seria um equívoco conceder a uma delas a primazia absoluta. Elas funcionam melhor e melhor promovem a maturidade do discipulado cristão quando dançam uma com a outra em "interação criativa".

No entanto, há razões porque a Bíblia deve ter certas formas de primazia. A razão e tradição mudam. Experiências variam, mas a Escritura é feita Cânon, uma espécie de régua, padrão de fé. É para ela que os cristãos continuamente voltam para medir seu discipulado. A Bíblia contém as histórias mestras compartilhadas em comum por todos os cristãos de diferentes culturas e tempos que propiciam a identidade e exemplos de vida fiel. Essas histórias oferecem à comunidade sua mensagem básica de esperança e desafio, julgamento e graça. Elas proporcionam a linguagem comum de fé para todos os cristãos.

A Bíblia tem, também primazia por causa de seu caráter narrativo essencial. Através de sua narrativa semelhante à vida ela lembra continuamente os cristãos que é na experiência da vida que Deus é mais provavelmente conhecido. Generalizações e esforços analíticos para afirmar verdades mais abstratas têm seu lugar importante, mas elas são reflexões secundárias sobre as particularidades da vida onde Deus é vivido como sugerem as narrativas bíblicas. Esta semelhança com a vida tem, além disso, a intenção de ajudar os discípulos nas particularidades da vida cotidiana como parte de seus esforços para responder a Deus e servir aos outros.

Com suas ambigüidades, ironias, incertezas e paradoxos, a narrativa também nos lembra continuamente que há muito a respeito de Deus e de sua presença no mundo que os humanos não entendem. Este não é o único fator, mas é um algo muito importante: a Bíblia pode levar aqueles que mui facilmente *domesticam* Deus para seus propósitos a alcançarem um melhor entendimento a respeito de Deus.

Entretanto, logo que se admitam essas formas de primazia, deve-se, também, reconhecer, novamente, que a Bíblia deve ser sempre interpretada por meio da razão e da experiência cristã antes que seja conhecida como revelação. Não se trata de perguntar se devemos proceder dessa forma. Todos nós o fazemos. A questão tem a ver com o modo como, conscientes e com fidelidade, se faz a interpretação.

Assim, a dança emaranhada continua - cheia de cortesias e medidas - dentro da comunidade da fé, pois só ela pode tomar decisões acerca de sua fé e prática. Conduzida no seu ensino pelos bispos como representantes visíveis da continuidade e unidade tradicionais da Igreja, com o uso da experiência e da razão e com a Bíblia como Cânon das histórias-modelos, a comunidade dos discípulos procura conhecer e fazer a vontade de Deus. Embora os cristãos possam ter preferência por outra forma (queiram receber uma forma mais

absoluta de autoridade), este é evidentemente a forma que Deus deseja que a autoridade seja experimentada pelos seus seguidores. Orientada pela Bíblia e guiada pelo Espírito Santo, a autoridade se desenvolve no interior da comunidade.

Dirigindo-se na direção de Deus

Entretanto, tensões referentes à autoridade e o uso da Bíblia podem ainda se tornar destruidoras se a Bíblia for usada erroneamente. No período da Reforma, a Bíblia foi ouvida e proclamada de modo a equilibrar certos aspectos considerados de tradição errônea, mas infelizmente também foram desenvolvidas inclinações de usar a Bíblia como um livro de respostas prontas, com textos comprobatórios com referência às questões de vida e prática da Igreja. Muitos herdeiros da Reforma usaram a Escritura para estabelecer os argumentos, sem perceber que eles tinham, também, de recorrer à razão e à sua própria experiência e compreensão de suas tradições para interpretar a Bíblia. O resultado compreensível foi o processo que dividiu o Cristianismo reformado em centenas de denominações, cada qual afirmando ser mais biblicamente baseada.

No entanto, a Bíblia não é um livro de respostas. Ela pode falar vigorosamente a um bom número de questões e preocupações contemporâneas, mas a sua voz será distorcida quando for solicitada a dar uma resposta específica às questões que seus autores humanos nem mesmo tinham entendido. Além disso, não é intenção principal da Bíblia ser um livro de respostas em seu tempo. Se assim o fosse, só se poderia imaginar que teria sido escrita de modo diferente. Há, por certo, passagens (especialmente, nas partes mais antigas do Antigo Testamento) que falam especificamente às questões particulares, porém com mais freqüência, o ensino tem caráter mais geral. Pode-se ouvir, nos Evangelhos, o esforço deliberado da parte de Jesus por esvaziar as preocupações daqueles que desejavam Dele o pronunciamento nova lei ou um novo código ético. Por meio de perguntas e estórias, Ele pede dos que Dele aprenderiam a pensar na autoridade e responsabilidade em novas e diferentes formas.

A estória mestra neste respeito é a Parábola do Bom Samaritano, colocada no contexto do diálogo entre Jesus e um mestre da lei, que tipifica um indivíduo que procura usar a lei como árbitro absoluto de sua vida (Lc 10.25-37) Jesus ouve a pergunta inquiridora (Que farei para herdar a vida eterna?) como um convite para um debate sobre a lei e qual delas tem precedência. O mestre da lei sabe que os mandamentos do amor são soberanos, mas ele sente a necessidade de encontrar uma forma de sua aplicação legalista. Jesus pareceu ter ouvido o mestre e sua necessidade com muita atenção. Ele reconhece que o mestre está, na realidade, perguntando o oposto do que ele pensa estar indagando. Sua preocupação não consiste em saber que são todos os próximos que ele possa amar. Ao invés disso, ele deseja saber a quem ele deve amar e a quem ele pode desconsiderar como próximo e colocá-lo fora de sua preocupação ética. Ele realmente quer saber "quem não é meu próximo?" Confrontado com todos os que poderiam exigir

dele caridade e bondade, o mestre da lei quer uma lei religiosa para poder dizer a quem pode colocar fora de sua preocupação embora ainda se considere como uma pessoa ética.

Jesus responde com a estória de uma pessoa ferida que foi socorrida por alguém que não precisava levantar a questão do mestre da lei. A parábola muda dramaticamente todo o foco da discussão da preocupação negativamente orientada sobre o ser ético para a possibilidade de praticar a bondade de modo genuíno. Os ouvintes tornam-se conscientes de que seu problema não está tanto em saber o que fazer ou como devem se portar. A dificuldade deles está na falta do poder de tentar amar seu próximo como a si mesmos.

Evidentemente, Jesus não teve a intenção de apresentar uma nova série de leis ou um sistema ético. Suas estórias não proporcionam tanto as respostas, mas a direção em que a pessoa deve enfrentar a descoberta do verdadeiro caráter da vida eterna - a vida do reinado de Deus. Temos observado que Ele exigiu a *metanóia* - arrependimento que leva uma nova maneira de ver a vida, e o viver com uma retidão que exceda a dos escribas e fariseus (Mt 5.29).

"A Bíblia", disse Phillips Brooks, "é como um telescópio. Se alguém olha através telescópio, ele vê o mundo para além do próprio telescópio. Mas se ele olha para o telescópio, ele não verá nada senão o telescópio. A Bíblia é esse, através da qual se deve ver o além, mas a maioria olha para ela e vê apenas a letra morta". Com efeito, imaginar e adorar um Deus que poderia, de alguma forma, ser definido pelas palavras humanas seria uma forma de idolatria que não leva ao crescimento e à maturidade humanas, mas à estreiteza e morte. Não é intenção da Bíblia ser um código escrito que mata, mas um veículo do Espírito Santo que dá vida.(2Co 3.6). A Bíblia aponta para além de si mesma como a Parábola do Bom Samaritano para a pessoa ferida e para aquele que tem o poder de curar. A pessoa ferida é o Cristo em todos os famintos e sedentos, forasteiros, doentes, prisioneiros, a quem os discípulos devem servir (Mt 25.35-36) Também Jesus está na Parábola como alguém que estende a mão em compaixão. Não apenas Ele contou as estórias, mas na memória dos discípulos Ele era o Bom Samaritano para Bartimeu e Zaqueu, e para o paralítico e endemoninhados, a mulher siro-fenícia, Maria Madalena e para muitos outros.

O mestre da lei é indagado se não desejaria agir como o Bom Samaritano (a palavra é repetida quatro vezes no diálogo. Não é um debate teórico. A parábola trata do poder de amor.) Então, a lei pode ser guia, mas quando corretamente interpretada, é também fonte de liberdade e poder para a nova vida.

O risco da liberdade bíblica

Tal liberdade é cheia de riscos. A Bíblia deve ser central e essencial para a vida de testemunho cristão e discipulado, mas ela não é absoluta em sua autoridade. A liberdade de ouvir o Espírito que guia toda a Bíblia para ninguém

“expor uma parte da Escritura de modo que seja repugnante para a outra parte” pode apresentar um desafio tal qual o foi para o mestre da lei na Parábola do Samaritano. Os discípulos contemporâneos são chamados a ser mais honestos e mais diretos com respeito ao fato de que todas as tradições cristãs, na prática, se não em teoria, “reconhecem que algumas partes da Bíblia têm mais autoridade do que as outras: . É importante aqui, ressaltar, também, o corolário inverso: algumas partes são de menos importância para a vida cristã contemporânea do que outras. Aceito com fidelidade, esse reconhecimento pode levar a uma nova liberdade para a Igreja adorar o Deus vivo e tentar ser o povo de Deus nesta geração, ao invés de travar batalhas ou continuar com os argumentos que pertencem ao passado.

No entanto, isto não significa que essas partes da Bíblia consideradas menos significativas para a vida de hoje não sejam mais ouvidas ou deixem de ser objetos de reflexão. Com efeito, este reconhecimento dá à Igreja a liberdade de ponderar tais porções da Bíblia numa perspectiva histórica e de fé. Essa liberdade não deve permitir que tais porções sejam ignoradas dissimuladamente, mas que se permita que tenham lugar genuíno na audição regular da Bíblia. Nessa perspectiva, pode também acontecer que tais passagens e livros assumam um significado novo e diferente para a comunidade.

Muitos cristãos contemporâneos vieram tomar consciência da importância desta liberdade bíblicamente inspirada na interpretação e uso da Bíblia por causa da forma patriarcal das grandes seções da Bíblia. A razão e a experiência cristã em desenvolvimento ajudam os discípulos de nosso tempo a perceber que essa forma de linguagem não dita o que Deus exige ou deseja do seu povo hoje. O Espírito que conduz essa liberdade não deve ser inibido pela Bíblia, mas pode ser ouvido falando através da Bíblia.

Por conseguinte, toma-se a sério o ensino de que “a Santa Escritura contém todas as coisas necessárias para a salvação”. As histórias e materiais associados da Bíblia propiciam o senso de direção - o farol - que capacitam os discípulos a experimentar a presença de Deus no mundo e aprender seus propósitos. Os materiais bíblicos propiciam a fonte de poder para começar a fazer a Sua vontade. Libertam, ao mesmo tempo, os cristãos da obrigação para com qualquer autoridade absoluta que não seja o Espírito de Deus feito melhor conhecido em Cristo, a quem a Bíblia aponta. Nada mais será exigido como necessária para a crença e para vida de fé.

Então, a Bíblia é juiz e crítico bem como guia e fonte de poder e conforto. Quando ouvida corretamente, é a palavra de Deus - não apenas julgamento e não apenas graça, mas desafio e esperança ao mesmo tempo. Talvez ela julgue, acima de tudo, a comunidade quando essa tenta usar a Bíblia para evitar as responsabilidades da liberdade cristã, mas mesmo assim ela continua a proporcionar a graça e o poder para viver.

Central e fundamental

Pode-se olhar retrospectivamente e perceber - como acontece com todas as Igrejas - um resposno diversificado para com Deus no seu uso da Bíblia. A Escritura tem sido usado com freqüência como base para um novo legalismo. Noutras vezes, ela é reverenciada, mas sem que seja muito ouvida. Talvez, com mais freqüência, ela seja usada inconsistentemente para, principalmente, procura legitimar o *status quo* da *politia*, as posições econômicas e costumes do partido religioso dominante.

Pode-se, também, perceber os locais e tempos onde as comunidades cristãs, encontrando-se na situação de se dirigir ao público, têm sido arrastadas para dentro do drama da redenção patenteado nas páginas da Bíblia, e ali descoberto visão, esperança, identidade e encontro com Deus. A alegada tolerância do anglicanismo (quando não tem sido mera indiferença) tem sido parte do seu "gênio" capacitando os anglicanos a usar a Bíblia com seriedade e liberdade responsável por ela inspirada. De modo recíproco, a diversidade e o caráter dialético da Bíblia tem tido efeito na teologia anglicana e no seu desejo de tolerar diferenças amplas em matérias não consideradas essenciais para a fé e até mesmo na interpretação das matérias consideradas essenciais. Tem havido reconhecimento de quão essencial e central é a Bíblia, não como uma autoridade absoluta, mas como meio de graça que conduz a Igreja ao discernimento do Espírito Santo atuando na comunidade.

A função central da Bíblia tem sido salvaguardada - não tanto na doutrina quanto na lei - mas pelo lugar que ela ocupa na liturgia da Igreja e na vida devocional do seu povo. Uma vez que, pela vida da comunidade a Bíblia deve ser ouvida e interpretada, então é obviamente importante que ela seja lida, ponderada e comentada regularmente. Desta forma, também o caráter narrativo básico da Bíblia tem lembrado continuamente o povo, de que Deus se dispõe ser encontrado na interpretação da vida humana diária.

Como também aconteceu no passado, hoje esse uso da Bíblia como guia e fonte fundamental da verdade está sob ameaça. Numa época de relativismo, angústia econômica e temores globais, uma parte de todos nós deseja uma autoridade absoluta. A segurança de um livro de respostas torna-se compreensivelmente atraente. Até mesmo entre os que são conscientes dos perigos e dos fáceis agrados de tal abordagem, um neo-literalismo mascarado e seletivo pode substituir a integridade e liberdade do Evangelho.

Hoje, talvez a ameaça mais óbvia seja a falta de familiaridade com a Bíblia. As nossas culturas propiciam tantas outras atrações - tantas outras estórias e informações apresentadas de modo divertido, que poucas pessoas lêem suas Bíblias quando passamos tão rapidamente da era de Gutemberg para a audiovisual.

Não há resposta fácil para este problema, mas vale a pena lembrar que as estórias bíblicas foram comunicadas oralmente (contato pessoal) e visualmente antes que fossem estabelecidas num livro para ser lido. Lembremo-nos de que o poder da Bíblia é mais conhecido quando suas estórias se tornam vivas por meio de sua re-narração. Portanto, é possível que

agora haja uma nova oportunidade de a Escritura ser ouvida e vista de modos melhores do que num passado recente.

No entanto, não há sombra de dúvida que muito do "gênio" do anglicanismo depende da comunidade, que conhece e reflete sobre a Bíblia - de modo que se torne, numa frase adaptada de Stephen Bayne, "arquitetura de nossos pensamentos". Pelo menos é importante, como sempre foi, que a comunidade busque líderes cuidadosamente formados no conhecimento fundamental da Escritura, sua história e princípios de interpretação - líderes que terão o conhecimento das tentações do falso biblicismo e que saberão resistir-lhe. A comunidade deve, então, solicitar de seus líderes e de si mesma que a Bíblia seja lida e ouvida pelos seus filhos (crianças), ponderada, interpretada e celebrada para que seja (como Gregório Magno que ajudou levar o Evangelho à Inglaterra) um rio de fé (raso e profundo, no qual uma ovelha possa andar e um elefante flutuar. Guiada e apoiada por esse rio, a comunidade encontra força para se aventurar. Por meio desse livro simples e profundo, o povo adquire a visão da era que há de vir - um domínio prometido de novas oportunidades para a justiça e paz.

(Tradução de +Sumio Takatsu
Edição: Rev. Carlos Eduardo Calvani)